



É este o sítio, lê-se em «Double / Double». O título propõe o duplicar e o dobrar e mostra que há brechas — sítios de passagem — na relação com a palavra. Se as há na relação com a palavra, há-as na relação com as coisas.

A escultura é composta por dois elementos. Em cada elemento, uma composição vertical, em que a forma retangular é duplicada, é dobrada, por rebatimento, em composição horizontal. Entre um elemento e o outro, a composição é duplicada: uma vez em madeira de mogno e outra vez em MDF hidrófugo. Em Nuno Sousa Vieira, o verbo e o gesto são estruturantes. Duplicar e dobrar são modos de investigar o duplo, que neles emerge e os conduz. O duplo é o mesmo e o outro, cópia sem igual, família de originais.

O investigar estende-se do ateliê, lugar de produção, ao museu, lugar de exposição. Expor sujeita a obra de arte à exposição, não deixa intacto o que é exposto, prolonga a produção da obra de arte. Em «Double / Double», há um aqui e um ali, que são um dentro e um fora, na medida em que um elemento é instalado no interior e o outro no exterior. A duração da exposição produz um antes e um depois, mais patentes no elemento instalado no exterior, em que o contexto participa com mais vigor.

Em *2026F020 ou uma cadeira no caminho*, a escultura «Double / Double» está ausente. O nome, porém, compõe um dos elementos de «Em memória da luz extinta — ensaio para uma ontológica». A escultura «Double / Double» está presente, pertence à exposição, comparece por meio do nomear. O mesmo sucede com outras obras que Nuno Sousa Vieira considera seminais no seu caminho, nomeadas por meio desses elementos, duplos de si e entre si.

Se não é ontológica, que ontológica é? De novo, a palavra. Nuno Sousa Vieira joga com o referente: a obra de arte ou outra questão que ensaia? «O que for», responde. O despojamento é equívoco; noutra ocasião, diz: «A arte é o acontecimento entre cada um de nós e o mundo.» Arte e existir estão junto um do outro, sem coincidirem e sem se reduzirem um ao outro. Existir é habitar a pertença mútua de movimentos entre o ser — o é das coisas — e o ser-humano. No vir e responder, o ser revela-se; no ir e chamar, o ser-humano compreende. Nuno Sousa Vieira intensifica o existir. Alarga o horizonte de afeções e perturba o sentido — aquilo em que se sustenta a compreensibilidade. O que é a cadeira que se dá, no caminho, sem se dar ao sentar?

No labirinto que Nuno Sousa Vieira instala, a bifurcação sustém a simultaneidade de caminhos. Compreende-se o opaco sem o transparente, a superfície sem o contorno? Compreende-se o duplicar sem o repetir e o distinguir, o dobrar sem o mostrar e o esconder? A margem de um rio não o é sem a outra margem. O mesmo não o é sem o outro, a cópia sem o original, a produção sem a exposição, o aqui sem o ali, o dentro sem o fora, o antes sem o depois, o presente sem o ausente. E a ponte — o sítio de passagem — é lugar, entre.

Nuno Sousa Vieira opera a simultaneidade do isto e do aquilo, o reunir sem unir as forças que se pertencem sem se cancelarem, em que vigoram o já-não-isto e o ainda-não-aquilo. O entre é a superposição da partícula quântica, que se dá sem se fixar numa determinação estável e única e só é compreensível enquanto simultaneidade de possibilidades. No entre, o que era deixa de ser e o que pode vir a ser ainda não é. Incluindo o que já está aí sem ainda ser. Quando avistada pela primeira vez, uma coisa celeste é nomeada segundo algarismos e letras. O nome é precário, nomeia o que permanece em movimento — o que há de ser compreendido enquanto planeta e receber outro nome.

«O pescoço liga a razão e a emoção», diz Nuno Sousa Vieira. Ser corpo é estar lançado no caminho, mover-se junto das coisas e participar no acontecimento do ser. *2026F020 ou uma cadeira no caminho* propõe habitar a indeterminação, sem compreensão consumada de antemão. Na arte e no existir, na imagem e no real, ser afetado, interrogar e compreender acontecem segundo uma história que embaça o que vem ao encontro e se revela; são movimentos singulares e contingentes. Nestes movimentos, o ser-humano envia-se às coisas; o encontro devolve-o a si mesmo, junto dos outros, nas possibilidades de ser.

Movimento, passagem, transitoriedade, instabilidade e indeterminação são assunto e programa no caminho de Nuno Sousa Vieira. Envolvem quem percorre a exposição — de novo, a palavra — como quando o chão nos foge dos pés.

— Ricardo Escarducha

Nuno Sousa Vieira (Leiria, 1971) vive e trabalha entre Leiria e Lisboa. É doutorado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. O seu trabalho é desenvolvido em estreita relação com o contexto, entre produção e exposição da obra de arte.

De entre as suas exposições mais recentes, salientam-se: *Desisto – o que não vejo imagino*, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa (2026); *Sem pisar o chão*, curadoria de Carolina Trigueiros, Appleton, Lisboa (2025); *Canhoto As Zurdo* (com Tamara Arroyo), com curadoria de Sérgio Fazenda Rodrigues e Virginia Torrente, Kindred Spirit, Lisboa, e *Nadie Nunca Nada No*, Madrid (2024); *Pelo que não se vê*, curadoria de Rita Gaspar Vieira, Centro de Arte e Imagem – Galeria do IPT, Tomar (2023); *Uma Vida Inteira*, curadoria de Ana Rito, Banco das Artes Galeria, Leiria (2021); *Bom dia lua*, Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso, Amarante (2021); *Linha Funda*, Fundação Carmona e Costa, Lisboa (2020).

Coleções nacionais e internacionais incluem: PINTA – Latin América, Miami; Museu de Arte Moderna (MAM), Rio de Janeiro; Colección Navacerrada, Madrid; Vasco Collection, Lisboa; Coleção Teixeira de Freitas, Lisboa; Coleção António Cachola, Elvas; Coleção PLMJ, Lisboa; Coleção Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; e Coleção de Arte Contemporânea do Estado Português; entre outras coleções públicas e privadas.